

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTOR

DELFIN DE NORONHA

1.^a SERIE

LISBOA 29 DE JANEIRO DE 1881

NUMERO 5

GERENTE

HENRIQUE ZEFERINO

Esgotou-se o n.º 3 das «Ribaltas» que contém a primeira resposta de Camillo Castello Branco ao sr. Alexandre da Conceição. Mandámos fazer segunda tiragem, a qual se acha á venda nos estabelecimentos do costume.

CHRONICA ALEGRE

Verdade, verdade, as violetas reverdecem, as camelias desabrocham, mas a alegria, a flor escarlata do sorriso, apaga-se n'estes dias humidos e negros, que põem no coração um vago presagio de catastrophe eminente.

Resta-nos, é certo, o refugio de adormecermos nas galerias de S. Bento, acalentadas pelo *rom rom* do sr. Adriano. Mas, por outro lado, o dantonismo do sr. Rodrigues de Freitas, que agita sobre a augusta assembleia um feixe de raios colericos, é capaz de povoarnos os sonhos de larvas e visões sangrentas, entoando á chamma rubra dos archotes e ao badalar dos sinos, — o *ça ira*.

Ah! sr. Rodrigues de Freitas, Marat, que o sr. embirre com a monarchia não obstante ella ser a mais inoffensiva e a mais tranquillizadora de todas as instituições portuguezas, vá. O *chic* do republicanismo realça singularmente a individualidade de qualquer pae da patria, quando descendo das regiões olympicas, onde paira o seu espirito, e da tribuna (hypothetica) onde espuma a vaga indomita da sua rhetorica, elle, como qualquer leão do Martinho, (uma jaula onde os leões de dois pés experimentam, não raro, a sessão terrivel de applicarem uns aos outros o derivativo da bofetada!...) veste a casaca, pega na *claque* e expõe na superior de S. Carlos. ao olhar avido das bellas, o seu perfil de Robespierre *au petit pied*.

Mas que o senhor se lembre tambem agora de embirrar com

FOLHETIM

ALEXANDRE HERCULANO

AO SR. RAMALHO ORTIGÃO

Responder ao sr. Ramalho Ortigão não é facil, embora pareça á primeira vista que não possa haver nada menos difficil do que assoprar um paradoxo e desfazel-o no ar, como se desfaz um globo de sabão irizado pelas faiscações do sol.

Todos sabem que o estylo do grande humorista das *Farpas* é principalmente paradoxal; as suas idéas, que elle veste com uma pompa de bazar do Oriente, avistam-se ás vezes nos polos oppostos da theoria e sorriem reciprocamente com a malicia dos augurios...

Entretanto, nem por isso deixam de fascinar esses bellos paradoxos reluzentes como joias nitidamente facetadas, que o habil-artista engasta no oiro estreme do seu bom senso de polemista mo-

umas velhas monjas, sepultadas nos seus claustros como um feto em um frasco de alcool!...

Que mal lhe fizeram as velhinhas, sr. Rodrigues de Freitas, Danton?

Ellas arrastam-se tropegamente para a sepultura, de que distam apenas um passo, gaguejando psalmos e sorvendo pitadas.

Ellas não teem acêrca do seculo que passa no seu carro ovante enchendo o espaço com as notas sonoras e brilhantes de uma symphonia, executada pelo Progresso, pela Civilização e pela Alma nova, senão uma vaga ideia incharacteristica.

O mundo para as exiladas cuja existencia estacionou ha muito, deixando de funcionar como a machina de um relógio a que houvessem partido a mola real, resume-se nas quatro paredes brancas de uma cella estreita e humida.

Se não pode existir a menor duvida de que a morte não tarda a levar do mundo essas inuteis creaturas que deixaram de pertencer ao numero dos vivos, desde que deixaram de partilhar as doces alegrias da maternidade, as santas dedicacões da familia, formando uma segunda humanidade inteiramente fóra da esphera onde se agitam as paixões, as virtudes e os crimes do homem,—como os chinezes representam em face da civilização uma raça morta e desherdada, — não vale a pena perturbar o repouso das velhinhas e arrancar-as descaroavelmente ao asylo onde ellas enterraram a sua ignorancia e a sua superstição.

O baile esplendido da legação italiana, concorrido pela *gomme* lisbonense, onde a walsa desdobrou as azas rutilantes voando serenamente por entre flores e mulheres bonitas, e o baile, que se annuncia, da legação hespanhola, e ao qual assistirão o rei e a rainha, com a sua alta elegancia inimitavel, põe na semana que o inverno enche de sombras, a nota vivaz e risonha absolutamente indispensavel em uma *Chronica alegre*.

DELFIN DE NORONHA.

derno, exactamente como fazem as duquezas caprichosas quando, por um singular requinte de *coquetterie*, põem nos cabellos e nos braços perolas falsas!

Eis aqui porque, parecendo facil, é profundamente difficil contestar as affirmativas do estylista brilhante que deslumbra a galeria com jogos malabares de vocabulos multicores.

Essa difficuldade, porém, toma proporções assustadoras em presença do desequilibrio cruel de dois espiritos que não se identificam, ou porque não possa attrail-os mutuamente o iman da *sympathia* ou porque as prendas raras de um exagerem a deficiencia do outro.

Todavia, a liberdade de dizer cada um o que pensa e o que sente, a doce liberdade cheia de garantias que floresce exuberantemente á sombra da Carta, permitindo e até certo ponto impondo o exercicio do raciocinio independente, inimigo do dogma autoritario, a necessidade de discutir que caracteriza a nossa epocha, explicam e por ventura absolvem o meu arrojado *commettimento*.

O sr. Ramalho Ortigão, referindo-se, em um folhetim publicado na *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro e transcripto no n.º 4 da nossa folha, á grande idea patriótica de levantar um monumento a Alexandre Herculano, para a realisação da qual uma illustre commissão composta dos srs.: José Gregorio da Rosa Araujo, João de

QUESTÃO LITTERARIA

Precedemos a prosa esplendida de Camillo Castello Branco com o artigo do sr. Alexandre da Conceição, publicado em o n.º 17 do *Seculo*, ao qual o grande romancista responde por intermedio da nossa folha.

O sr. Camillo Castello Branco e a CORJA

Estamos tão habituados a vêr o sr. Camillo Castello Branco, na polemica litteraria emporcalhar-se na mais repulsiva lama do calão insultante e desbragado, que quasi temos de lhe agradecer o ter sido connosco apenas grosseiro e banal.

O sr. Camillo Castello Branco, dignando-se com effeito anotar olympicamente a pequena critica que fizemos ao seu livro *A Corja* dirige á nossa pessoa, mais ou menos diluidos nas redundancias de um estylo fradesco e obsoleto, que tem sido o pasmo dos litteratos sem idéas e dos caixeiros vadios e acephalos, os seguintes picarescos epithetos: indelicado, inexacto, alveivoso, leviano, velho — n'este cumprimento de cachetico azedo insiste duas vezes com uma rabugice demonstrativa de grande pobreza de imaginação — mentiroso, ignorante, calumniador, malevolo, tolo, parvo, pudendo, virginal e donzel — tres adjectivos, estes ultimos, que sua ex.^a parece ter aprendido na convivencia das Tronças — terminando por fazer com o nosso nome um trocadilho reles de gracioso minhoto em cavaco domingueiro de botica de aldeia!

Et voilà le grand homme... qui passe!

É simplesmente lastimoso tudo isto, estes esgares descompostos n'um homem, que tinha obrigação de tornar mais respeitavel um nome litterariamente importante.

Estas grosserias justificariam o nosso tedio de uma replica severissima se o cachetismo irremediavel do sr. Camillo nos não causasse tanta repugnancia como lastima.

Assim n'esta miseria que o leva até acatar no nosso pequeno artigo um facil erro typographic, queremos merecer pela prudencia o epitheto de velho com que pretendeu inutilmente magoar-nos, inutilmente porque não alimentamos a preocupação frascaria de alguns antigos e depauperados Lovelaces românticos, que arruinavam a saude e a dignidade em aventuras escandalosas por alcovas suspeitas.

Não levantaremos pois do chão, em que cahiram sem nos terem sequer arranhado a pelle, a maioria d'esses epithetos qualificativos do valor da nossa dignidade. O braço que os vibrou nunca teve, e menos a tem hoje, auctoridade e força para empunhar a espada da justiça em questões de inteireza moral. Não fará pouco se conservar a auctoridade litteraria, que lhe está fugindo.

O sr. Camillo Castello Brando assevera que na segunda edição

Andrade Corvo, Francisco Antonio Pereira da Costa, José Maria Borges, José Manuel da Costa Basto, Francisco Xavier de Almeida, João Maria Galhardo, José Joaquim Gomes de Brito e Eduardo Coelho dirigiu um convite ao publico, apeia, arbitrariamente, a figura veneranda do grande historiador do seu pedestal glorioso, estende-a, sem mais preambulos, sobre a sua banca de trabalho, como um morto anonymo que nem sequer tenha o privilegio de subtrahir-se á profanação anatomica, e de lanceta na mão e monoculo no olho procede á escarpelisação minuciosa do organismo moral d'esse homem. Mediante esse processo, verdadeiramente engenhoso, que expõe a physiologia interna e externa do escriptor, o sr. Ramalho Ortigão pretende demonstrar que Herculano foi um insignificante que não fez scênã a *Historia de Portugal*, um caturra que teve a barbaridade de voltar as costas aos escribas que o apedrejaram, um descontente que ousou condemnar tacitamente a immoralidade galante das nossas instituições, um ambicioso que reputando insufficiente o que lhe offereciam, as commendas, as grã-cruzes, os titulos, o pariato, essas pequeninas bagatellas que os seus conecidãos aceitam porque não haja modo de recusar uma fineza, regeitou tudo, preferindo ir lavar a terra como Cincinnato!

Depois de o analysar, de o voltar por todos os lados, de arran-

do *Eusebio Macario* declarou que não era seu intento, ao escrever aquelle livro ridicularisar a escola realista. Posto que não tenhamos obrigação de conhecer todas as edições dos livros do sr. Camillo, esta declaração affigura-se-nos uma verdadeira duplicidade litteraria. Quem haverá com effeito tão ingenuo que tome tal declaração a sério, ao vêr que o sr. Camillo Castello Branco, que tem o seu estylo formado, os seus processos sabidos, a sua reputação feita, o seu talento orientado pelo mais intolerante classicismo, tente agora sinceramente e honradamente, renegando todo o seu glorioso passado litterario, converter-se aos novos processos artisticos para o que lhe falta educação, suggestões philosophicas, intuição scientifica, comprehensão positiva da moderna evolução da arte e sobretudo a juvenil flexibilidade de talento, que não existe n'um escriptor que passou ha muito o periodo da sua plena efflorescencia?

Que idéa faz o sr. Camillo Castello Branco da escola realista para suppôr que as características d'aquella escola são feições artificiaes e de convenção ao alcance da habilidade palavrosa de qualquer rethorico atrazado, e não productos da profunda transformação intellectual operada nos espiritos modernos pela diffusão d'uma nova philosophia, que está revolucionando a arte, como está revolucionando a politica, como está revolucionando a sciencia? Em que conceito tem o sr. Camillo Castello Branco o proprio genio para suppôr na sua vaidade, que, achando-se o seu espirito inteiramente fóra d'esta grande corrente de renovação mental, em hostilidade de velho catholico e de velho litterato auctoritario e quinhentista contra toda a revolução que tende a destruir-lhe os seus venerados idolos, que se habituou a amar e que o fizeram grande com milagres de estylo, possa agora por um simples esforço da sua vontade omnipotente ou, quem sabe?... pelos impulsos d'um pequeno despeito mal soffrido, nortear o seu espirito pelos novos rumos da arte, remodelando em outras bases toda a sua educação litteraria, todos os seus processos, todos os seus intuitos artisticos, todas as suas suggestões moraes, todo o seu passado de escriptor, toda a sua obra de romancista, todos os seus trabalhos de critico, todas as suas investigações de erudito? Quem acreditará n'um tal milagre de genio e n'um tal esforço da vontade?

O sr. Camillo Castello Branco não sae d'este dilemma: ou se suppõe sinceramente convertido aos novos processos de fazer e de comprehender a arte, e uma tal illusão da sua parte é um verdadeiro caso pathologico, que cordealmente lastimamos; ou essa conversão não é sincera, como supomos, e n'este caso os seus dois ultimos livros são uma obra detestavel, porque são uma obra de má fé, merecedora por isso de todas as severidades da critica.

Em qualquer das hypotheses está justificada a primeira parte da nossa apreciação ao livro da *Corja*.

Agora o caso do sr. Theophilo Braga.

O sr. Camillo Castello Branco, elle, o detractor systematico do character e do talento do sr. Theophilo Braga, o azedo critico de todos os seus trabalhos, o apaixonado esmerilhador de todos os seus defeitos, o implacavel ridicularizador de todos os seus livros, o

car-lhe o coração, o figado, os intestinos, de abrir-lhe o craneo e de pesar-lhe, scientificamente, os miolos, o sr. Ramalho Ortigão larga a lanceta e o monoculo e exclama com um largo gesto irado:

— *Portanto, ás aclamações entusiasticas que nos ultimos quinze dias tem saudado em Herculano o MAIOR CIDADÃO PORTUGUEZ, O CANTÃO D'ESTE SEculo, eu sinto o dever de ajuntar uma palavra: — discordo.*

O protesto do sr. Ramalho Ortigão, que por meio da sua auctoridade de critico, da sua poderosa influencia de escriptor e dos prestigios inherentes ao grão de corypheu de uma legiãozinha que vive de imitar as audacias, verdadeiramente revolucionarios, da sua toilette e da sua litteratura, orienta mentalmente, pelo menos a decima parte da população portugueza; esse protesto formulado na presente occasião, explosivo como um obuz e crivando de balas... de papel a columna dos subscriptores do monumento, que com os seus tostões, espontaneamente offerecidos, vão fundir a estatua do grande homem, representa uma especie de attentado litterario e patriotico, tanto mais para deplorar quanto é certo que tem por alvo um morto!

E se no momento solemne em que a nação, animada da devoção civica e da gratidão infinita que deve aquelles que a honraram, co-

eterno surdo-mudo para as suas qualidades, não negou ao sr. Theophilo Braga toda a auctoridade moral, mas diz d'elle a paginas 22 do livro da *Corja* o seguinte:

«As suas precipitadas inferencias poderiam damnificar-lhe a auctoridade, SE TIVESSE ALGUMA! E a pagina 43 do mesmo livro, para não sabirmos do atascadeiro, malsina-o como plagiario das conjecturas erudictas de José Gomes Monteiro, um sabio lendario da velha litteratura portuense, que ficou sempre em conjecturas erudictas e ineditas, ou pouco mais.

E depois de ter firmado com o seu nome estas e outras coisas de igual jaez acerca da intelligencia e do character do sr. Theophilo Braga, o sr. Camillo Castello Branco tem o... desprante de nos dizer terminante e cathegoricamente que é falso que tenha negado auctoridade moral ao austero e erudicto professor do Curso Superior de Letras! Pois o que é auctoridade moral n'um escriptor? Pois o sr. Camillo Castello Branco tem o sr. Theophilo Braga na conta de um leviano, de um ignorante, de um estouvado, de um plagiario vergonhoso e indigno e ainda lhe concede qualquer auctoridade? Que magnanimidade ou que facil moralidade!

Esta questão do velho azedume intolerante, grosseiro, aggressivo e injusto do sr. Camillo contra o sr. Theophilo Braga acha-se julgada de ha muito no tribunal da opinião publica intelligente e a difficuldade da sua demonstração, se existe está sómente na abundancia dos documentos.

Uma ultima observação.

O sr. Camillo Castello Branco, pelos excessos da sua bilis palavrosa, adquiriu n'este paiz a reputação lendaria d'um polemista temeroso e intractavel.

Nós queremos prevenir o sr. Camillo de que emancipámos ha muito o nosso espirito do terror sagrado de todas as lendas e do temor pueril dos grandes homens, depois que nos resolvemos a tocar-lhes com um dedo e reconhecemos que estavam cheios de palha, como os espantalhos.

Em homenagem por isso ao glorioso nome do romancista e á seriedade da imprensa procuramos manter esta resposta nos limites que nos são impostos pelos preceitos mais communs da decencia e da urbanidade.

Se porém os assomos olympicos da vaidade irritada do sr. Camillo o levarem a replicar-nos em tom e por fórma que exceda as raia da boa educação, nós não teremos duvida em o seguir a esse terreno e em converter esta inoffensiva polemica no mais divertido e decotado escandalo que tem entretido ha muito a ociosidade indigena. Como temos sobre s. ex.^a, apesar de velhos, a vantagem de menos vinte annos seguros, affiançamos-lhe que havemos de ser o ultimo a fallar, porque d'aquí a vinte annos, escrevendo todos os dias, ainda teremos muito que lhe dizer.

N'este ponto a nossa imaginação é de uma fecundidade illimitada e o nosso pulchro arminho de uma pureza relativamente excepcional. Agora... *Tirez le premier, Monsieur l'Anglais.*

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

brindo-a de gloria, palpita inflammada de ardente entusiasmo e corresponde ao appello feito por meia duzia de homens com a effusão de milhares de almas, se n'esse momento a palavra do sr. Ramalho Ortigão tivesse o condão fatal de arrefecer o entusiasmo e de matar o culto patriotico, que é como que a affirmação de uma nacionalidade, se esse conflicto chegasse verdadeiramente a produzir-se, o sr. Ramalho Ortigão teria perdido não só o direito de ser estimado como portuguez senão tambem o de ser glorificado como escriptor.

É particularmente contra a opinião unanime do paiz, que estabeleceu um paralelo entre Catão e Herculano, porque não houvesse outro homem em Portugal a quem esse paralelo podesse ser applicado, que o sr. Ramalho Ortigão vibra a sua aspera ironia mordente e caustica.

Elle acha que esse paralelo, que não tem no seu conceito senão um unico ponto de contacto—a afinidade do rancor que ambos alimentaram, o primeiro contra a dissolução da Roma antiga, seduzida pelas caricias sensuaes da musa hellenica, o segundo contra a venalidade inconsciente do velho Portugal, rejuvenescido como Fausto e fascinado pelas bellas promessas seductoras de Mephistopheles, disfarçado successivamente com os nomes de Politica, Pro-

A CORJA E O SR. CONCEIÇÃO

Foi indiscreto este sujeito, reproduzindo antes do seu cruel artigo, as mansas reflexões que fiz á sua critica injusta. Desço os olhos dos poderosos ceos para a opinião publica empenhada n'este conflicto, e pergunto-lhe se este sr. Conceição não é máo homem, d'uma compleição funesta. O olho iniludivel da invocada opinião universal vê a minha innocencia e principia a execrar o sr. Conceição—o flagellador. Ah! é bem feito que a opinião publica o excre com um grande gesto de exterminio.

Eu disse-lhe que não alvejava aos ridiculos da escola realista quando eu produzia novellas um pouco mais naturalistas que o meu costume. Citei o testemunho escripto da minha admiração pelos romances do sr. Eça de Queiroz e *Bento Moreno*. Para corroborar a grande estima em que tenho os bons cultores d'esta renovada feição da arte, poderia invocar o testemunho do sr. Julio Lourenço Pinto, e do sr. Fialho de Almeida que tem um lugar de honra nos postos avançados da nova milicia. Cuidava eu que o sr. Conceição, tão honesto como intelligente, sentindo-se pesaroso da injustiça involuntaria que me fizera, me pedisse desculpa com o acatamento que se deve á verdade e á decrepitude. O sr. Conceição responde que não tinha obrigação de lèr todas as edições dos meus livros. Ora eu não queria impôr-lhe a leitura das minhas frivolidades; queria singelamente que, a ter de me diffamar, me fizesse o processo com provas.

Volta-se o sr. Conceição contra o meu estylo e carimba-o de *fradesco* e *obsoleto*. Que magnificamente escreviam alguns frades! e quanto é leigo o sr. Conceição a escrever! Mas não tenho que redarguir contra isto, para não sermos dois os ineptos.

Diz que eu lhe chamara *velho*. Não chamei tal. Disse que na sua idade era obrigatorio ser-se serio e verdadeiro. Replica que tem vinte annos bons menos do que eu. Pois olhe, eu fazia-o mais novo; suppunha-o mais tenro, muito mais creança pelas suas balbuciações da lingua portugueza, as suas meninices em orthographia—em fim um pequeno atacado das bexigas doidas do positivismo. Quanto a mim, diz que é irremediavel o meu *cachetismo* (queria dizer *cache-xia*. «Cachetismo» é uma doença ainda não cathalogada nas sciencias medicas). Queixa-se de que eu fizesse do seu nome um *trocadilho velles*. É aquillo de eu lhe chamar seraphicamente *Conceição Immaculada*. Chama elle a isto um *trocadilho*. Retiro o trocadilho, não só por ser de *botica de aldeia* (que o cêo confunda todos os boticarios de aldeia; por causa d'elles é que eu me vejo nas unhas dilacerantes de s. ex.^a); mas por que não adjectiva correctamente. Na sua *Conceição*, depois d'este artigo injurioso e minacissimo, vejo maculas, nodoas crassas de bilis que o apóstolo Pedro via nos lombos da alma dos hebreus, *lumbos mentis*; é um Conceição com todas as originalidades do velho peccado, com todas as carnalidades anthropogenicas,—maculas que só podem ser lavadas com alguns banhos de douche e uma lição quotidiana do compendio de civilidade do sr. João Felix.

gresso, etc.;—o sr. Ramalho Ortigão entende que esse paralelo, que despertou a sua colera, reverte em menoscabo para a memoria de Herculano.

O espirituoso critico permite de boa sombra que Herculano seja um erudito, um eminente escriptor, um poderoso temperamento litterario, tudo excepto *Marcus Porcius*.

Catão, diz o sr. Ramalho Ortigão e asseveram os biographos, não abandonou nunca os negocios da Republica, *como um corajoso athleta que ainda depois da victoria continua os exercicios e só descança na morte*.

Alexandre Herculano, acrescenta, descançou em vida, abandonando a arena em perfeita robustez e em plena força.

Ha, porém, uma ligeira observação a fazer, depois do que o sr. Ramalho Ortigão pôde impunemente continuar a discutir a gloria do auctor da *Historia de Portugal*.

Catão floresceu 232 annos antes da era christã; elle foi como que a encarnação de uma idéa, o symbolo vivo de uma raça; a mão que rege os destinos dos povos conferira-lhe a missão de lutar em prol dos costumes austeros e indomaveis dos romanos contra a influencia invasora dos Scipiões. A' frente da Grecia triumphante depois da segunda guerra punica, saiu essa colossal figura de plebeu,

Pois que eu affirmei que não ridiculisara conscientemente a escola realista, entende que esta declaração é uma verdadeira *duplicitade litteraria*. Não percebo o que seja *duplicitade* litteraria, salvo se quer dizer que eu sou um scellerado que escrevo de dois feitios, com dois estylos e dois processos. Mas processos artisticos, os novos, é que o sr. Conceição não permite á minha ignorancia. Faltam-me *educação, suggestões philosophicas, intuição scientifica, a juvenil flexibilidade do talento que não existe n'um escriptor que passou ha muito o periodo da sua plena florescencia*. Estes predica-dos que me faltam é fatal que eu não os possa adquirir. As fontes em que o sr. A. da Conceição formou a sua disciplina litteraria são-me defesas; os livros que o iniciaram desde que desceu de Traz-os-Montes para a catequese do sr. Theophilo Braga são impenetra-veis ao meu esforço e á minha applicação.

Ha 17 annos era o sr. Conceição romantico e até bastante deista segundo se infere de poemas seus datados. Depois das *Alvoradas*, é que o mavioso vate fez a educação positivista do seu espirito, e ganhou zanga ás religiões, aos reis e ao clero de modo que, á imitação do duque de Choisseul, parece que traz sempre um padre ás cavalleiras do nariz. Pois se o seu atilado espirito vingou em novas orthopedias scientificas curar-se da coreova romantica, que razão ha para que eu irremediavelmente fique toda a vida aleijado? Nem sequer me concede *suggestões philosophicas*, as suggestões, uma coisa que não vale um caracol.

Tenho aqui á mão os livros que orientaram o sr. Conceição, formei nas academias os alicerces sobre que não é difficil cimentar o edificio novo. Isso que monta? Veda-m'o o *cachetismo*. Que diabo de doença esta!

Se escrevi *Eusebio Macario* em 1880, como escrevêra as *Scenas da Foz* e a *Filha do Arceidiago* em 1853, n'um estylo nu, de galhofa, mostrando espadas brunidas de mulheres sem ulceras, e feição por feição a psychologia de alguns argentarios, que se deduz d'ahi na hermeneutica do sr. Conceição? Que tenho uma *rhetorica atrazada*, que sou um *velho catholico, um litterato autoritario e quinhentista*. Quer dizer que as diversas obras de arte estão todas subordinadas a um principio, ou não quer dizer nada? Taine, o legislador dos ideaes modernos, não me jarreta as pernas para eu me agitar ao leito procusteano de mestre Conceição. Elle diz que *toutes les œuvres d'art sort de niveau et que le champ est ouvert à l'arbitraire*. E acrescenta: *En effet, si l'objet devient ideal par cela seul qu'il est conforme à l'idée, peu importe l'idée; elle est au choix de l'artiste; il prendra celle-ci ou celle-là, à son goût; nous n'aurons point de réclamation à faire*.

Escrevi a *Corja*, sem previamente alinhavar os personagens consoante os moldes do sr. Eça de Queiroz, nem saberia destrinçal-os entre os que servem á obra evolutiva franceza desde *Manon Lescaut* até *Nana*; e se cotejo as novellas modernas com os praxistas sociologicos em que se estriba a esthetica da ultima hora, persuado-me que esses romances podem fazer-se com observação e estylo sem que aos auctores urja a necessidade imprescindivel de manusearem

talhada pela estatura dos gigantes e educada na aprendizagem rude do labor manual.

Roma, agitada pelas luctas que lhe revolviam o solo convulsio-nado, ovio subjugada e fremente de um vago terror a funesta: COETERUM CENSEO CARTHAGINEM ESSE DELEDTAM, que troyejou ameaçadora sobre uma raça que se decompunha, como mais tarde troyejou sobre os muros derruidos de Jerusalem a lingua-gem biblica dos prophetas.

Herculano que adquirira a dolorosa convicção da decadencia da sua epocha, dezenove seculos depois do nascimento de Christo, comprehendeu que não podia um só homem empregar-se a tarefa de regenerar um povo, quando esse povo que deixara apagar-se no altar civico o lume da fé responderia apenas ás suas inuteis tentativas, que se perderiam no vacuo, como um grão de areia no vasto oceano, com o desdem banal dos que não sabendo acalentar uma idéa generosa, suffocam-n'a á nascença com o toxico do ridiculo.

Herculano preferiu, por conseguinte, recolher-se ao silencio austero das consciencias impecaveis.

As horas que Catão roubava á agricultura para votal-as á Republica, empregava-as o solitario de Valle de Lobos lapidando mui-tas paginas doutrinarias que ainda agora permanecem ineditas.

a Biologia de Herbert Spenser, a Evolução humana de Haeckel e o Positivismo de Comte. Para que se ha de assoprar com tamanho empyrismo de sciencias pingues uma coisa tão ôca e futil como a novella? O burguez sensato pode rir-se do nosso charlatanismo. Se-jamos francos. A gente faz romances sujos por que a sociedade nos pede a historia contemporanea: é ella que faz os novos romances. Não partimos de uma renovação de Moral; emergimos d'um lodaçal de inveterados vicios. Se algum de nós, politico ou romancista, nu-trir o desvanecimento parvoinho de defecar o humor morbido da so-ciedade com o sudorifero dos artigos ou dos romances, deve comecar por si a cura com os sedenhos; e em vez de consultar Augusto Comte e Spenser, cinja-se ás prescripções de Dagonet e de Mauds-ley. O sr. Conceição sabe.

Se o sr. Conceição, por estimulo de personalidade ou zelo fanat-ico dos bons costumes, me alcunhasse de *especulador com a publi-ca ignorancia*, como disse com desabrida incivilidade, eu decerto não o impugnava. Respeito em uns o desvio do senso moral como lezaõ de organismo irresponsavel; e, n'outros, respeito a causal psycho-mesologica que nos surte um inimigo sem que acintemente o provoquemos. Ahí tem s. ex.^a no *Seculo* o seu collega Caetano que já duas vezes lá gosmou umas bregeiradas a meu respeito com uma grande garotice impune, triumphal. Quer o sr. Conceição son-dar os arcanos mysteriosos da minha bondade? Quando eu soube que o tal Caetano era boticario, e que a *Corja*, irradiação do phar-maceutico Eusebio, poderia ferir o melindre d'esse refractario do almofariz, impuz-me a indulgente caridade de não affligir o desgra-çado que, incapaz de comprehender a alta missão philanthropica do herbanario, pertende saturar das suas jalapas e mamonas as littera-tes que vae aviando.

Com certeza, o sr. Alexandre da Conceição deixaria passar sem correcção as minhas novellas, se não fosse a cohesão scientifica que o gruda ao sr. Theophilo. Não pode perdoar-me que eu lhe não ad-mire o oraculo e finge ignorar que a maioria dos homens estudiosos d'este paiz o refugam dos seus estudos, e cada dia lhe estreitam mais a esphera da sua auctoridade.

Por que leu na *Historia do Romantismo* uma desdenhosa com-memoração de José Gomes Monteiro, o sr. Conceição reproduz ser-vilmente a injustiça odiosa. Também eu fui injusto com este illustre e modesto homem de letras: penitenciei-me, e n'essa occasião o sr. Theophilo Braga, com as exuberancias da dependencia pelintra, en-carecia os dotes litterarios de José Gomes Monteiro na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*. N'esse tempo, o sr. Theoph-ilo Braga annunciava ineditos valiosos de Gomes Monteiro.

Hoje, elle e o sr. Conceição acham que o *sabio lendario da lit-teratura portuense ficou sempre em conjecturas erudictas e ineditas* (queria escrever *eruditas e ineditas*: o sr. Conceição tem a erudição phantasiosa dos *cc* para andar ao invéz do estylo fradescos e quinhentista).

No artigo do sr. Conceição vem um remate que reproduz com vergonha e tedio de me ter rossado por tal caracter.

Elle quizera exercer na sua epocha a mais util de todas as orientações mentaes. Por espaço de longos annos enterrou-se nas cryptas do passado, revolveu os fosseis das bibliothecas pulverulen-tas, investigou, analysou, comparou e trouxe para a luz da publici-dade o fructo da sua laborioso colheita: a *Historia de Portugal* e a *Historia da Inquisição*.

No momento, porém, em que essa grande alma melancolica e reservada, por ventura demasiadamente susceptivel, como as crean-ças e os virtuosos, aguardava convictamente a apotheose que pre-meia os triumphadores, o clero, no seu legitimo direito de espoliado de uma legenda rendosa, preparou-lhe o calvario que espera os martyres!

Qualquer homem de uma tempera menos orgulhosa teria esma-gado com a sua *griffe* de leão os ratinhos de sacristia que inten-tavam mordel-o: Herculano, que sentiu pungir-lhe no intimo essa aggressão malevola e verdadeiramente attentatoria, fugiu para o seu valle e foi pedir á grande alma da natureza o olvido de uma cele-bridade que a injustiça dos homens lhe tornara odiosa.

Se, mais tarde, quando os poderes publicos foram procurar o historiador eminente escondido na simplicidade obscura do lavrador de Valle de Lobos, para offerecer-lhe as maiores distincções que

«Se porém os assomos olympicos da vaidade irritada do sr. Camillo o levarem a replicar-nos em tom e por forma que exceda as raia da boa educação, nós não teremos duvida em o seguir a esse terreno e em converter esta inoffensiva polemica no mais divertido e decotado escandalo que tem entretido ha muito a ociosidade indigena. Como temos sobre s. . . ., apesar de velhos, a vantagem de menos vinte annos seguros, affiançamos-lhe que havemos de ser o ultimo a fallar, porque d'aqui a vinte annos, escrevendo todos os dias, ainda teremos muito que lhe dizer».

Percebi-o perfeitamente. Já n'outro lanço fallou d'uns *depauperados Lovelaces* e n'umas *alcovas suspeitas*. É uma ameaça de invasão á vida particular. Entremostra-se o gatuno que se arremanga para escalar uma janella. Pode subir que eu heide preferir o esgarro ao apito. Diga ao sr. Theophilo Braga que lhe dê um exemplar das infamias que ha cinco annos vulgarisou contra mim em milhares de exemplares, rubricados por um bandido cujo nome é como a petrefacção de um vomito. Faça uns commentarios perpetuos a esse opusculo e republicue-o.

Que hade ser o ultimo a fallar porque tem menos que eu vinte annos seguros.

Quem o duvida? Lá tem o mestre que no livro da *Historia do Romantismo* lhe ensina a rojar pelas cans uma senhora que foi amante de Garrett, e sacode á hilaridade publica os farrapos da mortalha de outra. Lá tem o mestre Theophilo que lhe dá o exemplo de ir á sepultura sagrada de Alexandre Herculano, e escrever CACETEIRO.

S. Miguel de Seide, 27 janeiro, 1881.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

CARTEIRA DE UM FANTASISTA

NO TUMULO DE UMA CRIANÇA

A criancinha dormia
No berço tranquillamente
Sorrindo, tambem a gente
Ao contemplal-a sorria.

Em sonhos, porém, um dia
A criancinha doente,
Vio que um anjo docemente
A beijava e lhe dizia:

uma nação pôde conceder aos seus eleitos, Herculano tivesse trocado a sua japona de briche e o seu chapéo aldeão pelos arminhos de par ou pela corôa ducal, o silencio em que elle se envolvera obstinadamente até então, como uma virgem calumniada envolve o seu pudor castissimo no véu do claustro, perderia n'esse instante a sua grandesa epica.

Era forçoso, no entanto, que Herculano explicasse ao paiz o motivo por que não podia acceitar as dadas da sua munificencia. Essas respostas, dictadas sempre pela mais digna e pela mais eloquente expressão de um espirito superior, pareceram ao sr. Ramalho Ortigão *falsa modestia!* Elle escreve a tal respeito:—*N'estes casos publicar a offerta é uma maneira orgulhosa de levantar a dada. A modestia é muda.*

O sr. Ramalho Ortigão deduz do paralelo entre o Catão de Plutarcho e o Catão de Valle de Lobos, como já disse, uma inferioridade para Alexandre Herculano.

Eu noto, pelo contrario, no confronto d'esses dois grandes homens collocados a tantos seculos de distancia um do outro, a maior e a mais indiscutivel de todas as superioridades para Herculano.

O Catão romano escondia no vigor indomavel do plebeu, sustentado a pão de rala e agua-pé na inflexibilidade irascivel do censor,

«Deus espera-te no espaço;
Nas rosas do meu regaço,
Alma purissima, vem...»

E foi...—Na eterna peleja
Da vida, quem não a inveja?
Quem a lastima?

Ninguem!

Reguengos, 1880.

MACEDO PAPANÇA.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos o n.º 12 do segundo anno da *Bibliographia portugueza e estrangeira*, publicação nitida da livreria Chardron. Contém artigos de critica dos srs. Alexandre da Conceição, Camillo Castello Branco, Pedro dos Reis, Gomes de Brito e Guiomar Torrezão. In-sere o presente numero da *Bibliographia* a resposta do grande romancista, Camillo Castello Branco, ao sr. Alexandre da Conceição, publicada no n.º 3 das *Ribaltas*, sentindo nós, que, de certo por lapso, omittissem o titulo da Revista de que ella foi transcripta, e aproveitando a occasião para pedir aos nossos collegas que sempre que queiram honrar-nos trasladando para as suas folhas os artigos das *Ribaltas*, se dignem citar a proveniencia d'esses artigos.

*
* *

Recebemos os seguintes livros que agradecemos e aos quaes nos referiremos mais de espaço: *Memorias de Castilho*, 2 volumes, por Julio de Castilho; *A primeira confessada*, chronica da actualidade, por Gervasio Lobato.

*
* *

Eis o numero de exemplares que tiram os principaes jornaes de Paris. *Petit Journal*, 600:000; *Petite Republique*, 300:000; *Figaro*, 104:000; *Petit Moniteur*, 100:000; *France*, 43:000; *Siècle*, 15:000; *Gil Blas*, 30:000; *Petit Parisien*, 40:000.

*
* *

A distincta escriptora hespanhola, D. Faustina Saez de Melgar, redactora do novo jornal de modas *Paris Charmant* que sae a lume em Paris e do qual já demos noticia, vae publicar uma obra, importantissima, que terá por titulo *Mulheres hespanholas, americanas e lusitanas*. O novo livro da illustre escriptora, que conterà uma serie de estudos typicos de mulheres de todas as classes sociaes, de Hespanha, Portugal e America hespanhola e o esboço biographico das escriptoras pertencentes a essas nações, será illustrado com magnificas gravuras e cromolythographias.

*
* *

cuja eloquencia rude abalava Roma, no gesto accusador do Edil apontando á indignação das turbas o luxo insolente das patricias hellenisadas, a cupidez sordida, a velhice desregrada e a tyrannia descaravel que o levava a espancar os seus escravos depois de exploral-os por meio de transacções ignobeis, segundo affirma Plutarcho.

A vida de Alexandre Herculano, o maior prosador que tem engrandecido a lingua portugueza, é uma pagina immaculada.

Nenhum factó d'essa existencia brilhante e simples, célebre e ao mesmo tempo modestissima, deslustra o fulgor do seu maravilhoso talento.

Taciturno, reservado, acrimonioso, por vezes, perfumavam comtudo a grande alma de Herculano as mais delicadas, as mais doces e as mais santas affeições.

Portanto, servindo-me da linguagem do sr. Ramalho Ortigão, ás aclamações entusiasticas que n'estes ultimos dias teem saudades em Herculano o maior cidadão portuguez, o *Catão d'este seculo*, eu sinto o dever de ajuntar uma palavra:—applaudo!

GUIOMAR TORREZÃO.

Acaba de ser distribuido o fasciculo 17.º do *Diccionario Universal Portuguez*, por Francisco de Almeida, e propriedade de Henrique Zeferino. Toda a imprensa tem sido unanime em tecer os louvores que merece esta obra colossal, que representa um dos maiores emprehendimentos litterarios da nossa epocha. Limitamo-nos por conseguinte a accusar a publicação do novo fasciculo, que alcança até ao termo *Antrophologia*.

Tem estado em Lisboa e seguiu no dia 28 para o Rio de Janeiro, onde reside, o nosso illustrado collega, Elysio Mendes, redactor da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro. O distincto jornalista acaba de emprehender uma longa viagem pela Asia, tendo percorrido a China e o Japão e atravessando os Estados Unidos. Sua ex.^a tenciona dar á estampa um livro de viagens, cujos primeiros capitulos escriptos com uma observação sagaz e penetrante e revelando o estudo e os elevados dotes intellectuaes do auctor, começaram a ser publicados na *Gazeta de Noticias*.

RUMORES DOS PALCOS

Ensaia-se no theatro de D. Maria o drama original *Sara*, devido á penna delicada de Fernando Caldeira. Subirá á scena pela primeira vez em beneficio da actriz Virginia. Logo depois entra em ensaios o *Mirabeau* para a festa artistica de João Rosa. Provar-se-ha brevemente no mesmo theatro a comedia em um acto — *O fraco da baroneza*, original do redactor das *Ribaltas*.

O commissario geral da Exposição universal internacional offereceu a mademoiselle Rousseil, em memoria da representação dada por ella no Trocadero, no dia 1 de agosto de 1878, uma grande medalha de ouro contendo estas palavras: *A arte tragica franceza*.

Representar-se-ha brevemente em Paris uma nova peça intitulada *Fille de Lovelace*.

Tamberlick partiu para Nice, onde está escripturado para cantar algumas noutes no theatro italiano.

O barytono Dufriche estreiou-se em Roma, no theatro Apollo, obtendo um successo caloroso.

A Patti, passando por Nice, deu ahi tres representações. A *diva* partiu em seguida para Monte-Carlo, onde cantará uma serie de noutes, demorando-se por espaço de seis semanas, a começar em 22 do corrente. Todas as summidades do *fashion* preparam-se para cobrir de flores e de palmas a passagem radiosa d'esse astro de primeira grandeza.

A cantora Bianca Donadio, que em tempo fez furor no Colyseu, debutou no theatro real de Turim, na opera de Ambrose Thomaz, *Hamlet*, obtendo um grande exito.

Chegou a Lisboa, no seu regresso do Rio de Janeiro, a actriz Gertrudes. Parece que irá fazer parte da companhia de Emilia Adelaide.

Já não falta nada á gloria de Sarah Bernhardt! O arcebispo de Montréal, depois da representação da *Adriana Lecouvreur*, fulminou a actriz parisiense com uma sentença de excommunhão. Excommunhada! eis o cumulo da apothose! Se Sarah Bernhardt não perder d'esta vez o juizo, não o perde nunca.

Monthazon, um pobre comediante francez, artista de provincia, pae de uma graciosa *chanteuse* que se estreou com extraordinario applauso nos *Buffos parisienses*, perdeu a razão.

Foi na scena do Ambigu, em Paris, que se produziu a lamentavel catastrophe.

Continua a representar se no Gymnasio de Paris, despertando a attenção da critica e colhendo grandes applausos, *Le Mariage d'Olympe* de Augier.

O beneficio de Pinto Bastos, um excellente rapaz e um empresario popularissimo, a quem Lisboa deveu algumas noutes de festivo entusiasmo e o jubilo de applaudir varios artistas de fama, esteve concorridissimo. Pinto Bastos foi repetidas vezes chamado ao palco, demonstrando-lhe o publico que não o esquece, não obstante elle ter andado longe do theatro. O espectáculo constou do seguinte: *A Judia*, poesia recitada pela actriz Emilia Adelaide, *A roca de Hercules*, interpretada por Amelia Vieira e Posser, *A festa e a Caridade*, poesia recitada por José Carlos dos Santos, *Emquanto o panão não sóbe*, por Antonio Pedro, e o 2.º acto da *Niniche*.

Pinto Bastos offereceu a todos os artistas que abrilhantaram o espectáculo o seu retrato preso a um *bouquet*.

Corre na Havaneza que raptaram um bailarina de S. Carlos. Parece impossivel, mas ainda ha gente para tudo!... Raptar uma bailarina!... *A quoi bon?*

Inaugurou-se no Rio de Janeiro uma nova sala de espectáculos, pequena mas elegantissima, sob a designação de *Principe Imperial*. O novo theatro que abriu com uma peça fantastica de Eduardo Garrido, intitulada *O solar da rocha azul*, contém logares de cadeiras para 300 espectadores, 10 camarotes de primeira ordem e galerias com accommodações para 200 pessoas.

O imperador assistiu á abertura do theatro, sendo muito applaudido a peça extremamente comica de Garrido, cheia de trocadilhos e calembourgs, uma *verdadeira peça*, visto que ninguem a entende. Foram interpretes da mesma os nossos conhecidos actores Mattos, Maggiolly e outros.

A cantora Maria Durand estreiou-se no theatro Apollo de Roma, desempenhando a parte de *Aida*. Em seguida fez o papel de protagonista na opera de Goldmarch, *A rainha de Sabá*.

CARTEIRA DE UM FARCISTA

QUIÇA!?

És bella como as noites scintillantes,
porque os olhos deslumbras com o effeito
das pedras preciosas, radiantes,
dispersas nos cabellos a preceito;

porque brilhas, como astros deslumbrantes
oscillando magestosos no teu peito,
riquissimo collar de diamantes,
repousado em seu eburneo leito.

E dizes que te amam loucamente...
e que fallam de ti a toda a gente...
porfiando o teu amor!... Oh! não o nego:

até eu, que sou neutro como um padre,
talvez amar-te um dia inda me quadre
tão só para te pôr depois no prego.

Porto, 1881.

DAVID DE CASTRO.

MODAS

CHRONICA PARISIENSE

O reinado das grandes côres brilhantes e audazes, que o sol morde decompondo-as em fracções do iris, affirma-se cada vez mais.

Paris, ou por outra o Bois, parece um canteiro de flôres dos tropicos.

Os tecidos novos trocaram a sobriedade espartana pela opulencia oriental.

A *tapage*, inseparavel sempre, mais ou menos, das côres vivas e petulantes, subiu do *demi monde* para o alto mundo das duquezas de sangue azul.

Os grandes *magasins* do Louvre, abrindo as suas largas portas, franqueando as suas amplas galerias, povoando as arcadas da rua de Rivoli de figurinos colossaes e patenteando aos olhares avidos das parisienses a accumulacão fabulosa dos setins Maio. Rainha, Renasença, Aida, Duqueza, Maravilhosa, dos velludos lavrados e das fazendas *criardes*, de quadrados, de riscas, de ramos assetinados, bordados, lavrados: desenrolando esse enorme panorama de *chiffons*, cheio de aspectos originalissimos, lançaram o grito de alarma em toda a linha.

As *gommeuses* actuaes afiguram-se-nos a copia correcta e augmentada das parisienses das aquarellas de Moreau, d'essas seducções de carne e osso que passejavam e *flirtavam* em 1753 á roda do lago das Tulherias.

Exemplificarei descrevendo ás minhas amaveis leitoras brasileiras algumas d'essas *toilettes* que constituem o *chic*, o *raffinement*, a idea avançada d'esta escola profundamente evolutiva que se chama moda, mas contra o abuso das quaes é indispensavel mantermo-nos em guarda, não as deixando exorbitar além de uns certos limites que separam a *cocodete* da mulher honesta.

1.º *Toilette Previdente.*

Saia de velludo verde myrtho. *Levita* muito comprida e muito simples de setim de lâ verde myrtho, guarnecida com uma tira de setim gris-prata e abotoada com duas ordens de botões de setim. Corpo de setim myrtho com as abas enfeitadas de velludo. Chapéu á presidente *Tourvel*, de feltro myrtho forrado e debruado de setim gris-prata applicado em franzidos. O chapéu é guarnecido de plumas myrtho, tendo ao lado esquerdo uma andorinha de prata e apresentando a aba o feitio caleche, descabido sobre os olhos.

2.º *Toilette chancelier.*

Vestido de cachemira da India, violeta-prelado. A parte da frente armada em rufos e enfeitada com cordões de seda e agulhetas de prata.

Aos lados duas largas pontas de setim prelado prolongam-se até á extremidade da saia. Charpa de seda muito forte debruada de seda violeta. Corpete de seda escosseza e setim com mangas de cachemira. Cabeção de setim finalizando em capuz, enfeitado com cordões e agulhetas de prata. Chapéu princeza adornado com grandes plumas violeta-prelado.

3.º *Toilette Czarine.*

Vestido de cachemira azul marino guarnecido de pequenos *plissés* de setim. Casaca de *damassé* azul marino e escarlata, abrindo adiante e formando *paniers* nas ancas, sendo os *paniers* de setim azul marino. Grande cinto de setim da mesma côr terminando atraz em laço. *Toque* de feltro marino á Joanna d'Albret, enfeitado com plumas, tendo do lado esquerdo uma ave azul. Independentes d'estes temos ainda o *costume* Duckens genuinamente inglez, o *costume highlander*, que copia as boas burguezas de Gand, e muitos outros.

Como se vê, a fantasia, a originalidade, a *bondade* propriamente dita, apoderou-se do cerebro ou da tesoura das modistas parisienses, governando, por meio d'esses agentes activissimos, que engolem milhões com a mesma facilidade com que os alchimistas derretem metaes, o resto do mundo.

Graças á obstinação da Moda em querer absolutamente passar por pessoa rica que arrasta desdenhosamente uma *traine* de setim e rendas (cujo valor intrinseco bastaria para alimentar uma familia de proletarios) que passeia em coupé Binder, frequenta a Opera e não se alimenta senão de *galantine*, *foie gras* e trufas orvalhadas do *laeryma-christi*, dos *ragoûts* principescos; graças a esta orgia de luxo, que reina desenfreadamente não só em França como no resto

da Europa, e a que, pela ordem natural das cousas, é provavel que se siga um regimen de economia exagerada — uma saia de bufel é um prato de lentilhas — parece que certos maridos *roubam* os amigos só para não roubarem ás esposas o jubilo de rivalisarem com as amigas!...

Deixando, porém, os assumptos tristes, absolutamente incompatíveis com uma chronica de modas, e, já que alludimos aos *magasins* do Louvre, occupemo-nos tambem um pouco do *Hotel des Ventes*, que readquire agora á sua grande animação jovial e onde se fornecem amplamente aos amadores do *bric-à-brac*, os colleccionadores, os finos espiritos que põem na acquisição de uma Sévres, de um Courbet, de um *bebelot* delicadamente trabalhado, a maior alegria da sua vida.

A mania de colleccionar, porém, dá ás vezes os mais comicos resultados.

Ha dias, uma formosa condessa, frequentadora assidua do *Hotel des Ventes*, possuidora de um sem numero de tinteiros que pertenciam a Maria Antonietta, a Pompadour, a Chateaubriand, a Victor Hugo, etc., e que guarda como reliquia preciosa um botão das polainas de Gounod, contava, com a sua deliciosa *verve*, uma aventura divertidissima... excepto para ella!

A condessa ambicionára avidamente para a sua collecção uma das *nymphas* de Henner. Uma manhã acordou com heroica resolução de ir pedil-a ao pintor da *Jeune fille à la fontaine*.

Henner não estava em casa. A condessa communicou ao criado do grande artista a sua intenção, acrescentando que, forçada a ausentar-se de Paris, desejava adquirir um objecto, embora insignificante, que houvesse pertencido a Henner, não duvidando pagal-o a peso de ouro.

O criado, um Scapin digno de ser cultivado pelas mãos de Molière, foi buscar os caroços das cerejas que o amo deixara no prato.

A condessa recebeu doze caroços, entregou doze luizes e partiu radiante.

Alguns mezes depois Henner e a condessa reuniram-se a jantar em casa de um amigo de ambos. Á sobremesa serviram-se cerejas. Henner não lhe tocou. A fidalga, surprehendida, indagou o motivo. Henner respondeu que detestava aquella fructa, que nunca na sua vida comera cerejas!

Todos os annos, no dia de Santa Izabel, o conde de Paris offerece á condessa uma *toilette* escolhida por elle. Este anno a escolha recabiu em uma *robe de chambre*, que descreverei succintamente ás leitoras.

A *robe de chambre*, do género de Maria Leckzinska, é de brocado de Genova, côr de marfim, de grande cauda, contém um pequenino capuz que assenta sobre uma larga prega Watteau, apertada na cintura por uma fita muito larga. O vestido fluctuante, puro estylo Marlys, abre sobre uma saia de setim-marfim franzido e coberto de ondas de rendas branca. A mesma guarnição de renda corre ao longo da saia, que apresenta de ambos os lados, na extremidade dos pannos da frente, o monogramma da princeza e a corôa real bordados a perolas finas.

Vou concluir a minha carta dando uma ligeira noticia do baile da marquezia de Vatismesnil, uma das festas mais notaveis d'estes ultimos tempos e que foi como que o inicio dos bailes da *saison* parisiense.

Entre uma agglomeração extraordinaria, um deslumbramento *féerique* de *toilettes* esplendidas, citaremos as seguintes: M.^{me} de Brie, filha da marquezia, *costume* Watteau, que descrevi ha dias ás minhas queridas leitoras. A loura M.^{me} Gesaler, vestido de seda côr de folha secca, enfeitado á Talien, *parure* de perolas; M.^{me} Riggs, *toilette* Parabere brillantissima, saia coberta de ponto de Alençon e rosas de Bengala, casaca de setim lavrado, côr de rosa, semeado de myosotis, molhos de rosas e de myosotis nos cabellos e no corpete. A marquezia de Vatismesnil, vestido Pompadour de dois azues: turqueza e saphira com botões e colchetes de diamantes. Marcaram divinamente o cotillon o conde de Vatismesnil e M.^{me} du Bulsson, apresentando uma innovação, a pantomima do *divorcio*, imitada da peça — *Grands Enfants*.

Au *voir*, leitora.

O INVERNO EM PARIS

O thermometro já desce quatro ou cinco grãos abaixo de zero; as arvores já não tem uma folha, nem os raios de sol um vislumbre de calor: *a vida pariziense*, segundo a significação coquette da palavra, começa agora.

É quando a neve principia a cahir que um effluvio de felicidade começa tambem a tombar no seio de varios mortaes que, durante trez ou quatro mezes, se aborreceram, com toda a elegancia, na solidão dos bosques ou no remanso das praias.

Portanto, nada mais cheio de attractivos, nada mais petulante, como desafio á crueldade da natureza, do que o aspecto do Bois n'uma sexta-feira, por exemplo, entre as trez e as cinco da tarde! As *belles frileuses* passam nos seus coupés sorrindo desdenhosas do Creador, que, mandando á terra, como punição dos crimes dos homens — e especialmente das mulheres — as tempestades de gelo, praticou ao mesmo tempo a grave falta de mandar ás regiões polares as raposas de bellas pelles azues que servem para esconjurjar todas as iras do inverno.

Imperdoavel esquecimento! Toda *emmitouflée*, nas fofas almofadas do seu carro sejam quaes forem as *crenças* em que tenha sido embalada, não ha *cocotte* que por um instante se não sinta mais propensa para acreditar no fornecedor que lhe proporcionou as suas *martes zibelines*, do que n'Aquelle que *lhe intenta* em vão proporcionar o frio.

Para os crentes um passeio ao bosque n'esta quadra do anno é na verdade perigoso, pois que, por muito que a gente se admire do poder supremo que envia á terra os alvos e pequeninos flocos de neve, ainda se admira mais dos meios de que o mortal se serve para os esconjurjar, para triumphar das vergastadas frias de dezembro, e para fazer, enfim, do inverno um *objecto de luxo*.

É verdade que o inverno n'esta qualidade sómente pôde ser usado por um certo numero de pessoas, pelos felizes da terra, pelo *quartier* da Europa, por aquelles que podem ver, enfim, a bella chamma crepitante sorrir no seu fogão, illuminando a vida, de quando em quando, com a fogueira azulada de um *punch*; entretanto que esses se não deixem tentar, e sobretudo, no caso de desterrarem as boas e santas crenças para fóra da sua alma, que ao menos não desterrarem uma cousa para fóra do seu corpo: — a flanela.

Pariz n'este momento é, pois, excellente, se o considerarmos sob o aspecto d'esse turbilhão ruidoso que desliza a toda a hora pelos Campos Elysios e que, depois das cinco, se distribue a tomar absintho pelos *boulevards* e depois do absintho, pelo Bignon ou pelo Peters, e depois, pela Opera, e depois, pelas ceias, etc., etc.

Mas a bella cidade tem outros aspectos que na verdade não são risinhos e que nos obrigam a pensar que nem tudo são rosas, nem absintho, nem faizões, nem trufas na vida.

Quer o leitor, por exemplo, ver um d'elles? Anda agora contado em todos os jornaes da França.

A *citê pariziense*, na rua de Puebla, era um pateo constituido por uma reunião de pequenas casas de operarios, aonde habitavam sessenta e trez familias compostas de cerca de duzentas pessoas. Ha quatro dias o proprietario da *citê* teve uma questão com o alugador principal, d'onde resultou este despedir immediatamenne todos os inquilinos. Elles sahiram, coitados, mas aonde haviam de ficar? Allí pagavam dois francos por semana; os senhorios a quem se dirigiam exigiam-lhe oito, isto é, quasi tres dias de ordenado; depois, se empregassem o seu tempo a procurar casas, não iam á officina; não ganhavam, os filhos morriam-lhe de fome; o que fazer?

Os habitantes da *citê pariziense* tomaram a seguinte resolução: dormir na rua. E assim ficaram entre os raros e velhos moveis, sobre magras enxergas, duzentas pessoas, homens, mulheres e crianças, durante duas noites, duas prolongadas noites, no momento em que a temperatura em Pariz descia repentinamente quatro abaixo de zero! Entre esses seres desgraçados, detalhe doloroso, havia uma creança de quinze dias apenas!

E elles, coitados, tiritavam á hora em que provavelmente, no Bignon, no Americano, na *Maison Dorée*, a *Boule Noir*, ou a *Belle Georgette* atolavam o seu bello dentinho esmaltado n'aquelles frutinholos rosados que, envoltos em papel de seda, sobre fofas caminhas de algodão, estão expostos á vista dos famintos, alimentando o fogo da revolução social, nas vitrines do *boulevard*. E sonhavam

talvez n'aquelles nédios e formozos veados de oito galhos que, pela manhã, por acaso teriam visto dependurados á porta de um mercador de viveres no *faubourg*, e então quem sabe se pela cabeça de algum d'aquelles desgraçados que sentia junto a si, tiritando de frio, uma pobre mulher e umas pobres crianças, passaria a idéa de pegar n'um machado e ir decepar ao mesmo tempo uma perna do veado e outra da sociedade?...

Foi talvez inspirado por uma d'estas visões terríveis que o communista Pijudi, no momento de ser fuzilado, dizia, ha cerca de dez annos, a um carpinteiro seu camarada: — «Empresta-me a tua plaina, para ver se desbasta o velho mundo.»

No fim de duas prolongadas e longas noites, a policia e os jornaes dêram pelos noctivagos da rua de Puebla, e tratou-se então de os accommodar e de lhes proporcionar uns caldos. O *Petit Journal* e a *France* abriram-lhes subscrições, uma boa logista do arruamento abriu-lhes as portas do estabelecimento e consentiu que ainda uma noite sessenta d'elles ficassem empilhados em cima e debaixo do seu balcão fraternal.

Enfim, não façamos jacobinismo: façamos simplesmente uma consideração de generosa philosophia. Aqui estão duzentos desgraçados que durante o inverno se podiam perfeitamente abrigar a uma d'aquellas peliças de trinta mil francos que a gente encontra tantas vezes no Bosque!

Entretanto, é preciso considerar n'uma cousa; os principios generosos da verdadeira revolução não terão triumphado no dia em que simplesmente tivermos tirado as *pelles* a uns para as darmos aos outros. A questão está simplesmente em todos poderem ter a sua pelle melhor ou peor e o livre direito de *defeza contra o frio*.

Seria na verdade encantador, confesso, que para vestir um desgraçado *despissemos* qualquer das princezas da moda. Era excellente mas não resolvía o problema, e para um viver quente, ia outro morrer gelado. Deixai-as, pois, coitadas, as *belles frileuses*, que demais a mais não são de forma alguma ciosas dos seus adornos. Despojam-se d'elles com uma facilidade extraordinaria, generosas e faceis até ao extremo, sobretudo *faceis*.

Dizia uma vez um espadachim em face de uma d'estas monopolistas das lisas peliças: — Eu cá por mim em alguém me olhando com ar provocador, ponho-me logo á sua disposição.

E ella atalhando — *E eu tambem*.

GUILHERME DE AZEVEDO.

HISTORIA DE UM GATO PRETO

2.º SONETO

Agora falla a avó:

Então, não querem vér? o excommungado,
Aquelle gato de não sei que diga
Foi ás joias da pobre rapariga
E poz tudo... ora vejam! n'este estado!...

A medalha... o anel todo esmaltado...
A pulseira... o alfinete... aquella figa...
Os brincos de coral á moda antiga...
Tudo d'este feito... escangalhado!...

O que dirá o pae! e então agora
Que anda em maré triste de escassez
E a lastimar-se ao mundo a toda a hora!...

Vou acudir ao caso: Ó Zé Garcez,
Traze essa trapalhada cá p'ra fóra
E vamos á rua Aurea, 103

(Vae fallar a creada)

EXPEDIENTE

Com este numero distribuimos ás nossas ex.^{mas} assignantes o prospecto da bonita publicação «Paris-Charmant». Solicitamos de suas ex.^{as} o favor da sua assignatura.

Typ. de Christovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 145-1.º